

LIÇÃO Nº 13 – A BATALHA ESPIRITUAL E AS ARMAS DO CRENTE

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 27/06/2020.
E-mail do
autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Texto Áureo:

Efésios 6:11

11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.

- Os soldados de Cristo precisam ser corajosos. Por isso, lemos: "...fortalecei-vos no Senhor". Aqueles que têm tantas batalhas a lutar, e que, no seu caminho para o céu, devem disputar cada passo por meio da espada, necessitam de muita coragem. Fortalecei-vos, sede fortes para o serviço, fortes para sofrer, fortes para combater. Se o soldado não for valente, sua armadura não será de grande ajuda. Observe: Força espiritual e coragem são muito necessárias na nossa guerra espiritual. Sejam fortes no Senhor, na sua causa e por amor do seu nome. Não temos força suficiente em nós mesmos. Nossa coragem natural não passa de covardia, e nossa força natural, de completa fraqueza. Mas toda a nossa suficiência vem de Deus. Devemos continuar e avançar na sua força. Pelas ações da fé, devemos buscar graça e ajuda do céu para capacitar-nos a fazer aquilo que não podemos realizar por nossa conta, no trabalho e na batalha cristãos. Deveríamos nos dispor a resistir às tentações dependendo da plena suficiência de Deus e da onipotência do seu poder. Os soldados de Cristo precisam estar bem armados: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus.

- O cristão está engajado num conflito espiritual com o mal. Esse conflito é descrito como o combate da fé, que continua até o crente galgar a vida do porvir. A vitória do crente foi obtida pelo próprio Cristo, mediante a sua morte na cruz. Jesus travou uma batalha triunfante contra Satanás, desarmou as potências e potestades malignas, levou os cativos com Ele e redimiu o crente do domínio do maligno. No presente, o cristão está empenhado numa guerra espiritual que ele trava, mediante o poder do Espírito Santo, contra os desejos corruptos dentro de si mesmo, contra os prazeres ímpios do mundo e todos os tipos de tentações, e contra Satanás e suas forças. O crente é conclamado a se separar do presente sistema mundano, repudiando os seus males, vencendo suas tentações e morrendo para elas, e condenando abertamente os seus pecados. A milícia cristã deve guerrear contra todo o mal, não por seu próprio poder, mas com armas espirituais. Na sua guerra espiritual, o cristão é conclamado a suportar as aflições como bom soldado de Cristo, sofrer em prol do evangelho, combater o bom combate da fé, guerrear espiritualmente, perseverar, vencer, ser vitorioso, triunfar, defender o evangelho, combater pela fé, não se alarmar ante os que resistem, vestir toda a armadura de Deus, ficar firme, destruir as fortalezas de Satanás, levar cativo todo pensamento e fortalecer-se na guerra contra o mal.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Efésios 6:10-20

10 No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder;

- Na vida cristã, lutamos contra principados e potestades. Para resistirmos aos seus ataques, devemos sempre depender de Deus e utilizar cada peça da armadura que o Senhor nos dá. Paulo não está apenas dando um conselho à Igreja de Cristo em geral, mas a cada crente em particular. Todo o corpo precisa estar vestido com essa armadura. Sempre que enfrentarmos os principados e os poderes das trevas, precisamos ter ao nosso lado o poder do Espírito Santo.

- Aqui está uma exortação geral à constância em nosso curso cristão, e à coragem na nossa guerra cristã. Acaso a nossa vida não é uma guerra? Certamente! Nós lutamos com as adversidades da vida humana. Não é a nossa vida cristã uma verdadeira guerra? Certamente! Nós lutamos contra a oposição dos poderes das trevas e contra os muitos inimigos que querem nos manter afastados de Deus e do céu. Temos inimigos que devemos combater, um capitão por quem pelear, uma bandeira para defender e certas regras de guerra a seguir. “No demais, irmãos meus, vocês precisam continuar dedicando-se ao trabalho e dever como soldados cristãos”. É necessário que o soldado seja corajoso e bem armado.

- Estamos terminando o trimestre e, na última lição, analisaremos o trecho de Ef.6:10-24, que envolve a análise da batalha espiritual e a conclusão da epístola.

- Depois de nos ter falado sobre o comportamento do cristão na família e no trabalho, **o apóstolo fala da realidade da batalha espiritual, ou seja, de que a Igreja, embora esteja desfrutando das bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, ainda está na Terra (pelo menos a igreja atuante ou militante) e, enquanto tal, tem de enfrentar uma luta espiritual contra as hostes da maldade.**

- É interessante verificar como Paulo não descuida do aspecto espiritual da salvação e da natureza espiritual da Igreja, algo que tem sido negligenciado nestes dias em que vigora o materialismo, inclusive entre os que cristãos se dizem ser.

- Assim, ao iniciar sua carta dizendo das bênçãos espirituais que são as garantidas na salvação (Ef.1:3), bênçãos que antecedem à própria criação do Universo físico, sem se falar que a salvação tem por propósito reunir em Cristo todas as coisas, tanto os céus quanto a terra (Ef.1:10).

- Paulo também mostrou que Cristo, vitorioso, pôs-se à direita nos céus (Ef.1:20) e que o mistério de Cristo se revela pelo Espírito (Ef.3:5), sendo que a igreja revela a multiforme sabedoria de Deus aos principados e potestades nos céus (Ef.3:10), como também o próprio ministério de Cristo na eternidade, fazendo com que a Igreja atuante fosse levada ao Paraíso (Ef.4:9,10).

- Agora, o apóstolo mostra que a Igreja tem uma batalha contra as hostes espirituais da maldade, repetindo, aliás, o que o próprio Senhor Jesus disse quando da própria revelação do mistério da Igreja, ao dizer que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt.16:18).

- O apóstolo inicia esta análise, dizendo que, “no demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder” (Ef.6:10).

- De pronto, vemos aqui uma importante lembrança que nos faz o apóstolo. **A vida cristã não tem sentido algum se não tiver como base, como fundamento, como alicerce o Senhor.** É nele que podemos nos fortalecer. O próprio apóstolo já havia dito que a salvação era proveniente da graça e que não vinha de nós mesmos (Ef.2:8).

- Não podemos, de modo algum, encontrar fortalecimento em nossa vida espiritual se não for no Senhor e é bem por isso que todos os meios de santificação, que promovem o nosso crescimento, nada mais são que ações que nos aproximam do Senhor, que nos levam a buscá-l’O, como é a meditação nas Escrituras, a oração, que pode ser reforçada pelo jejum, o temor a Deus e a participação digna na ceia do Senhor.

- À primeira vista, o pensamento de guerra é inadequado nesta epístola. Até agora o apóstolo falou sobre coisas que eliminam divergências e produzem unidade e paz. A bênção do evangelho é que ele acaba com a hostilidade entre os homens e os une numa comunidade de paz (2.14-22). Cristo é quem trouxe a paz por meio da cruz. Na seção há pouco analisada (5.22—6.9), o principal objetivo do apóstolo é dar fim à rivalidade e promover o desenvolvimento cristão nas relações domésticas dentro da comunidade cristã primitiva. Segundo comenta Erdman: “Se fôssemos suprimir em qualquer um dos seus escritos paulinos a referência à guerra espiritual, a escolha natural seria a Epístola aos Efésios”.

- Não obstante, esta repentina mudança do “cenário pacífico” da comunidade cristã para o “campo de batalha”, onde forças do mal são descritas como sendo um ataque violento das forças do mal contra o cristão, não é sem justificativa. Esta mudança súbita de cena tem sua explicação. O apóstolo está lidando “com o invisível tanto quanto com o perceptível”. As forças que ameaçam os cristãos ao prosseguirem pelo caminho da vida originam-se não só do contexto humano, mas também das hostes sobrenaturais da maldade. Os cristãos pertencem a um mundo espiritual e também a um mundo natural, tornando comum serem atacados por forças espiritualmente más. A ingenuidade e a força humanas não são adequadas contra tais poderes; o povo de Deus precisa de recursos divinos para vencer esta luta. As instruções do apóstolo têm o propósito de garantir ao cristão a vitória na batalha.

- 1. A Origem da Força (6.10)

No demais (tou loipou) contém a ideia de “daqui em diante” mais que “em conclusão”. O sentido aqui é temporal, de forma que “no futuro” não seria tradução incorreta. Paulo deseja que seus leitores percebam que há forças destruidoras que atuam nos assuntos da vida cotidiana, e que eles devem estar preparados para os ataques do inimigo contra a existência tranquila que levam. Sua esperança consiste em serem fortes no Senhor e na

força do seu poder. É significativo que o verbo para forte (endunamousthe) esteja no presente passivo. Denota, primeiramente, que eles continuam sendo fortalecidos pelo Senhor, e em segundo lugar, que a origem dessa força não está neles. Vem de Cristo quando a pessoa vive em união com ele.

- Em 1.19, Paulo ora para que eles sejam tão iluminados que entendam “a sobreexcelente grandeza do seu poder”, e percebam “a operação da força do seu poder” pela fé. Em 3.16, ele ora para que eles sejam “fortalecidos” com poder pelo Espírito”. Nesse ponto, Paulo lida com uma experiência mais profunda do Espírito Santo. Neste versículo, porém, a ênfase não está na aquisição de novo poder, mas no uso da força que os cristãos agora possuem pela união deles com Cristo. No conflito com os poderes demoníacos, os cristãos têm de utilizar, de forma imediata e contínua, o poder de Cristo para terem vitória. O que se aplica para o cristão individualmente também se aplica para a igreja coletivamente, quando esta procura deter a maré do mal no mundo.

11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo;

- O cristão está engajado num conflito espiritual com o mal. Esse conflito é descrito como o combate da fé, que continua até o crente galgar a vida do porvir. A vitória do crente foi obtida pelo próprio Cristo, mediante a sua morte na cruz. Jesus travou uma batalha triunfante contra Satanás, desarmou as potências e potestades malignas, levou os cativos com Ele e redimiu o crente do domínio do maligno. No presente, o cristão está empenhado numa guerra espiritual que ele trava, mediante o poder do Espírito Santo, contra os desejos corruptos dentro de si mesmo, contra os prazeres ímpios do mundo e todos os tipos de tentações e contra Satanás e suas forças. O crente é conclamado a se separar do presente sistema mundano, repudiando os seus males, vencendo suas tentações e morrendo para elas, e condenando abertamente os seus pecados. A milícia cristã deve guerrear contra todo o mal, não por seu próprio poder, mas com armas espirituais. Na sua guerra espiritual, o cristão é conclamado a suportar as aflições como bom soldado de Cristo, sofrer em prol do evangelho, combater o bom combate da fé, guerrear espiritualmente, perseverar, vencer, ser vitorioso, triunfar, defender o evangelho, combater pela fé, não se alarmar ante os que resistem, vestir toda a armadura de Deus, ficar firme, destruir as fortalezas de Satanás, levar cativo todo pensamento e fortalecer-se na guerra contra o mal.

- A meditação nas Escrituras e a oração são diálogos que mantemos com o Senhor, através dos quais passamos a conhecer a Sua voz, a ter cada vez maior intimidade com Ele, sabendo a Sua vontade e, assim, tendo amplas condições de agradá-l'O. É um processo que nos leva a renunciarmos a nós mesmos e isto nos torna discípulos de Cristo (Lc.14:33), formando a almejada unidade entre nós e Ele (Jo.17:21).

- **O temor a Deus nada mais é que o reconhecimento da soberania divina**, a voluntária decisão de levar em conta a vontade de Deus em todas as nossas decisões e ações, uma consideração singular do Senhor em nossas vidas, passando Ele a ocupar o lugar de proeminência. Tal circunstância, igualmente, aproxima-nos do Senhor, pois sempre o temos como centro de nossas vidas.

- A participação digna na ceia do Senhor é a declaração de que estamos em comunhão com o Senhor e com a Sua Igreja, é uma solene demonstração de que estamos diante de Cristo cumprindo o seu mandamento de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou e de estarmos, assim, em plenas condições de adentrar aos portões celestiais quando Ele vier, vinda que é anunciada na ceia. É a celebração da unidade de Cristo com o Seu corpo.

- Temos de nos fortalecer no Senhor e, para tanto, temos de nos aproximar a cada dia d'Ele, pois, como diz Asafe, bom é nos aproximarmos de Deus (Sl.73:28) e, quando nos distanciamos d'Ele, diz este mesmo salmista, estamos nos arriscando a nos destruir espiritualmente (Sl.73:27).

- Quando nos aproximamos de Deus, alcançamos fortalecimento. Muitos se queixam, em nossos dias, da fragilidade espiritual de muitos que cristãos se dizem ser, de como tem havido muitos fracassos nesta batalha contra as hostes espirituais da maldade e tudo isto nada mais é que decorrência da falta de fortalecimento no Senhor. Estamos, muitas vezes, adotando evangelhos que põem o homem no centro, esquecendo-nos de que somente poderemos ter alguma chance de vitória na batalha espiritual se nos fortalecermos no Senhor.

- Uma das armadilhas lançadas pelo inimigo nesta guerra é, precisamente, o chamado “antropocentrismo”, ou seja, a colocação do homem no centro das preocupações e das atitudes de cada ser humano. Tudo tem sido feito segundo a lógica humana e para agradar aos homens e, quando enveredamos por este caminho, estaremos fadados ao fracasso, pois quem buscar agradar aos homens não pode agradar a Deus (Gl.1:10).

- O **Pacto de Lausanne**, que foi um documento que muito bem retratou a batalha espiritual, já dizia que esta colocação do homem no centro é uma terrível arma satânica, “in verbis”: “...percebemos a atividade no nosso inimigo, não somente nas falsas ideologias fora da igreja, mas também dentro dela em falsos evangelhos que torcem as Escrituras e colocam o homem no lugar de Deus. ...” (item 12).

- Paulo bem mostra a limitação do homem e a impossibilidade de nos firmarmos nele para termos alguma salvação, ao afirmar peremptoriamente: “sempre seja Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso” (Rm.3:4). Davi já afirmara que “os homens de classe baixa são vaidade e os homens de ordem elevada são mentira, pesados em balanças, eles juntos são mais leves do que a vaidade” (Sl.62:9).

- Como podemos, então, pôr o homem no centro de nossas atenções e procurar construir uma vida espiritual estribada num ser que “é mais leve do que a vaidade”? Além do mais, lembremos que nenhuma batalha, nenhuma guerra pode ser vencida se não estivermos devidamente armados e tivermos mais força do que o adversário, como deixou o Senhor Jesus bem claro ao falar que um rei que sabe que seu inimigo é mais poderoso, em vez de fazer guerra, prudentemente busca a paz (Lc.14:31,32).

- No entanto, esta hipótese da trégua, da busca da paz inexistente na batalha espiritual, pois o diabo, cujo interior é de violência (Ez.28:16), é irrecuperável e mentiroso, o pai da

mentira, homicida desde o princípio (Jo.8:44) e, deste modo, jamais aceita poupar o ser humano da destruição que lhe deseja.

- 2. A Necessidade para a Armadura de Deus (6.11)

Paulo insta seus leitores a revestirem-se de toda a armadura de Deus (cf. Rm 13.12; 2 Co 6.7; 1 Ts 5.8). O termo grego que traduz a frase toda a armadura é panoplian. A palavra transmite a ideia de completude, e somos chamados a “vestir a panóplia de Deus”. Há duas opiniões divergentes com respeito a esta exortação. De acordo com a primeira interpretação, a ênfase está no fato de que é a armadura de Deus que deve ser colocada. Isaías 59.17 (Septuaginta) descreve Deus vestindo uma armadura, ensejando o convite para o cristão usar esta mesma proteção quando sair para a batalha. A segunda interpretação coloca a ênfase, não no fato de a armadura ser de Deus, mas no elemento da completude. “A ideia é que precisamos não só de um equipamento divino, mas que esse equipamento tem de ser completo, sem faltar uma peça sequer”. Nosso inimigo é tão terrível que temos de nos vestir com tudo que Deus fornece para nossa luta ofensiva e defensiva. Portanto, temos de vestir “a completa armadura de Deus” (CH).

- Pelo que deduzimos, não há necessidade de fazer uma escolha entre estes dois pontos de vista. Não é questão de um/ou, mas de um/e outro. A armadura que é o poder de Deus tem de ser uma realidade total na vida dos filhos de Deus para que eles vençam neste conflito cósmico. A descrição cuidadosa que Paulo faz das peças da armadura nos versículos 14 a 17 apoia eloquentemente a segunda interpretação, mas não devemos deixar de lado a interpretação anterior.

- O propósito para nos vestirmos da armadura de Deus é para que haja defesa contra as astutas ciladas do diabo. Astúcias (methodias cf. 4.14) tem tradução melhor por “maquinações” ou “estratagemas” (cf. BV). A palavra não ocorre em outra parte da literatura grega, exceto nesta carta. Pelo visto, a intenção é transmitir a ideia de planos enganosos ou investidas astuciosas. Inclusas nas ciladas do diabo estão todas “as múltiplas tentações à incredulidade, ao pecado e à conformidade com o mundo pagão circunvizinho que apossava o crente a toda hora”. Os ataques sumamente sutis que o cristão sofre são mais que de origem mental humana. Como comenta Bruce, o próprio Paulo tivera extensa experiência com as obras do diabo, levando-o a afirmar: “Não ignoramos os seus ardis” (2 Co 2.11; cf. 1 Co 7.5; 2 Co 11.3,14; 1 Ts 2.18).

- Na passagem compreendida entre os versículos 10 a 18, vemos “A Guerra dos Santificados”. 1) Nosso inimigo inexorável tem de ser enfrentado e vencido. Para isto, precisamos tomar toda a armadura de Deus, 11-13. 2) Peças da armadura defensiva: a) Cinto da verdade — um entendimento iluminado e um caráter firme; b) Couraça da justiça — uma vida santa para absorver a crítica e a perseguição; c) Escudo da fé — para repelir os ataques malévolos do inimigo, 14,16.3) Peças da armadura ofensiva. Tem de haver ação ofensiva para vencermos: a) Espada do Espírito — a Palavra de Deus na mão, a Bíblia no coração e na mente; b) Pés calçados — para marchas longas e árduas em obediência a Cristo, o Comandante; c) Capacete da salvação para guiar e guardar nossos pensamentos, a fim de que sejam pensamentos para Cristo e não para servir objetivos pecaminosos e egoístas, 15,17. 4) Todos os nossos equipamentos espirituais devem ser fortalecidos e reforçados pela oração, 18 (G. B. Williamson).

12 porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais;

- O cristão trava um conflito espiritual contra Satanás e uma multidão de espíritos malignos. Os poderes das trevas são os governantes espirituais do mundo, que incitam os ímpios, se opõem à vontade de Deus e constantemente atacam os crentes. É uma vasta multidão, altamente organizada em forma de império do mal, tendo categorias e ordens.

- Aqueles que não são “carne e sangue” são os demônios sobre os quais Satanás tem controle. Estes não são mera fantasia — são bastante reais. Enfrentamos um poderoso exército cujo objetivo é derrotar a Igreja de Cristo. Quando cremos em Cristo, estes seres se tornam nossos inimigos e tentam tudo o que for possível para nos afastar do Senhor e levar-nos de volta ao pecado. Embora tenhamos a vitória garantida, devemos nos engajar nesta luta até a volta de Cristo, porque Satanás está pelejando constantemente contra aqueles que estão do lado do Senhor. Precisamos do poder sobrenatural do Senhor Jesus Cristo para vencermos Satanás, e Deus nos deu ao conceder o precioso Espírito Santo, que está dentro de cada um de nós, bem como a sua armadura, que está sobre cada um de nós. Quando você se sentir desencorajado, lembre-se das palavras de Jesus a Pedro: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

- O combate para o qual precisamos estar preparados não é contra inimigos humanos comuns, não contra homens constituídos de carne e sangue, nem contra nossa própria natureza corrompida, mas contra os diversos graus de demônios, que têm um controle que exercitam neste mundo. Lidamos com um inimigo sutil, um inimigo que usa manhas e estratégias, como lemos no versículo 11. Ele tem mil maneiras de iludir almas inconstantes; por isso é chamado de serpente, em virtude de sua sutileza, a velha serpente, experimentada na arte de tentar. Ele é um inimigo poderoso: principados, potestades e príncipes. Eles são numerosos e poderosos; eles governam as nações pagãs que ainda estão nas trevas. As partes sombrias do mundo são o alicerce do império de Satanás. Eles estão usurpando e destituindo príncipes sobre todos os homens que ainda estão em um estado de pecado e ignorância. Satanás é um reino de trevas, enquanto Cristo é um reino de luz. Eles são inimigos espirituais: “...hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”, ou espíritos maus, como alguns traduzem.

- Ora, o homem é inferior a Satanás (Sl.8:5), pois os seres humanos foram feitos pouco menores do que os anjos e o diabo tem o poder de enganar o homem (Ap.12:9; 20:8,10), de sorte que, se formos tentar nos fortalecer espiritualmente buscando agradar ao homem, estaremos à mercê do inimigo, com força menor e, como a alternativa da paz inexistente, seremos fragorosamente derrotados na batalha espiritual.

- Por isso mesmo, o apóstolo João foi claro ao afirmar que maior é o que está conosco do que o que está no mundo (I Jo.4:4), a nos mostrar que o segredo de nossa vitória sobre as hostes espirituais da maldade é o fato de sermos morada de Deus no Espírito (Ef.2:22), de sermos morada do Pai e do Filho (Jo.14:23) e templo do Espírito Santo (I Co.6:19). Só Deus é superior aos anjos e, portanto, sem nos fortalecermos no Senhor, estaremos a assinar nossa sentença de morte espiritual nesta batalha.

- A expressão “fortalecei-vos” está na voz passiva no texto grego, a demonstrar, portanto, que o agente do fortalecimento não é o salvo, mas o próprio Senhor que transmite esta força, este poder àqueles que O buscam, àqueles que reconhecem a sua própria pequenez. Por isso mesmo, o apóstolo, ao falar deste fortalecimento, utiliza-se da expressão “força do Seu poder”, que é uma repetição da ideia de fortalecimento que demonstra que o poderio, a força e o domínio estão com o Senhor e não com os Seus servos.

- Isto já basta para verificarmos quão equivocados são os ensinamentos da “teologia da batalha espiritual” que reforçam o papel humano nesta guerra contra as hostes espirituais da maldade, criando mecanismos, subterfúgios pelos quais o homem poderia superar os demônios. Nada mais falso! Dependemos inteiramente do Senhor e da “força do Seu poder”.

- Por isso mesmo, o apóstolo, então, mostra a necessidade que temos de nos revestir da armadura de Deus. É Deus quem nos fornece as armas e sem elas nossa luta será inútil. Assim como o soldado romano, embora pertencesse a uma força invencível no seu tempo, nada poderia contra o inimigo se não estivesse devidamente armado, também nós nada conseguiremos em nosso embate contra as hostes espirituais da maldade se não estivermos revestidos da armadura de Deus. Note que o texto fala de “revestimento”, a nos ensinar, portanto, que, antes de mais nada, temos de estar vestidos e estas vestes outras não são senão as vestes de salvação (Is.61:10), de justiça dos santos (Ap.19:8).

- Se a luta é espiritual, faz-se mister que nos utilizemos de armas espirituais, pois o material, o terreno é inferior ao celestial, ao espiritual. Aliás, na lição anterior, vimos como o apóstolo Paulo, na segunda carta aos coríntios, fez menção que, em seu ministério, sempre fez uso de “armas poderosas em Deus”, “não carnis”, pois só elas são capazes de “destruir as fortalezas”.

- **Esta realidade espiritual nunca pode ser menosprezada pelos servos de Jesus**, máxime em dias como os nossos em que há uma secularização acentuada, ou seja, em que a mentalidade humana é levada a crer apenas naquilo que pode tocar, naquilo que pode ver, em que há uma crença na razão e na técnica, com a total desconsideração do que é sobrenatural. Não são poucos, aliás, que veem no “sobrenatural” apenas “superstições”, “atrasos” e coisas quietas.

- 3. O Inimigo do Cristão (6.12,13)

O inimigo a ser derrotado é o diabo e todos os seus exércitos de forças demoníacas do universo. Paulo deixa claro que a guerra cristã não é empreendida contra forças humanas, porque ele diz que não temos que lutar contra carne e sangue (12). Caso se tratasse disso a força humana seria suficiente. Pelo fato de forças espirituais más estarem dispostas em ordem de batalha contra o crente, só os recursos divinos e espirituais podem resistir a elas. Paulo diz que nos armamos contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas... contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais (12; cf. 1.21; 2.2; 3.10; Rm 8.38,39; Cl 1.13). Há vários postos na hierarquia dos exércitos de Satanás, mas é quase impossível distingui-los. Basta dizer que, pouco importando quão estável seja a vida dos filhos de Deus, eles nunca estão livres dos ataques sutis de Satanás por agências da estrutura de poder maligno. A paráfrase de Phillips do versículo 12 expressa adequadamente o

pensamento: “Nossa luta [...] é contra organizações e poderes espirituais. Enfrentamos o poder invisível que controla este mundo escuro, e agentes espirituais do próprio quartel-general do mal” (CH).

- O apóstolo acreditava no caráter pessoal dos poderes do mal no universo. Acreditava também que estas forças eram organizadas. Mackay escreve: “Eis algo bastante diferente do poder da hereditariedade, algo mais cruel e aterrador que as forças judiciais e dialéticas que atuam na história, por meio das quais a história, por vezes, engana a lógica do homem e, por vezes, leva à destruição o seu orgulho titânico”. E acrescenta que Paulo não estava pensando “nos poderes demoníacos da história contemporânea [os governos ditatoriais e comunismo antirreligioso] que se arrogam a si o status e atributos da deidade”. Mackay afirma que se Paulo estivesse vivendo hoje, “ele ainda insistiria no caráter pessoal do mal sobrenatural”. O inimigo pessoal do crente não é onipotente, onisciente ou onipresente, mas é organizado por todo o mundo para o propósito único de derrotar o povo de Deus.

- Nos lugares celestiais é a quinta e última ocorrência desta expressão em Efésios (1.3; 1.20, “nos céus”; 2.6; 3.10, “nos céus”). Aqui significa o reino do conflito espiritual. O versículo em que ocorre mostra veementemente que os cristãos, mesmo com suas experiências pessoais gloriosas com Cristo e suas mais sublimes experiências de adoração e culto, não estão imunes aos ataques das hostes espirituais más.

13 Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes;

- O Diabo é um espírito, um espírito mau; o perigo é maior porque nossos inimigos são invisíveis e nos atacam antes de nos darmos conta deles. Os demónios são espíritos maus, e eles especialmente aborrecem e provocam os santos à perversidade, ao orgulho, à inveja, à malícia etc. Esses inimigos ficam nos lugares celestiais, de acordo com o texto original (ou “regiões celestes”, versão RA); nesse caso, o céu significa toda a expansão, ou além da nossa atmosfera, o lugar entre a terra e as estrelas, de onde os demónios nos assaltam. Ou, o significado pode ser: “Lutamos por lugares celestiais ou coisas celestiais”; essa é a forma de alguns antigos interpretarem esse texto. Nossos inimigos se esforçam para impedir nossa subida ao céu, para privar-nos de bênçãos celestiais e para obstruir nossa comunhão com o céu. Eles nos atacam nas coisas que pertencem à nossa alma e se esforçam para desfigurar a imagem celestial em nosso coração; e, portanto, precisamos estar vigilantes contra eles. Precisamos de fé em nossa batalha cristã, porque temos inimigos espirituais que precisamos combater, bem como fé em nosso trabalho cristão, porque precisamos buscar força espiritual. O nosso perigo é grande. O nosso dever: tomar posse e vestir toda a armadura de Deus e então resistir a nossos inimigos. Devemos resistir.

- Verdade é que esta crença cega na razão, na ciência e nas coisas terrenas, que teve seu apogeu nos séculos XIX e XX, ficou sensivelmente abalada com os resultados catastróficos que produziu, porquanto, em nome deste racionalismo exacerbado, o mundo foi levado a dois conflitos mundiais, como também a uma polarização entre superpotências que colocou em risco a própria sobrevivência da humanidade, pois se chegou a termos a possibilidade de o planeta ser totalmente destruído pois o armamento existente na chamada “Guerra Fria” era capaz de destruir a Terra, segundo alguns, 14 vezes (como se uma não fosse o bastante...).

- Assim, a felicidade, a harmonia e a instalação de um verdadeiro paraíso terrestre prometidos por aqueles que desprezavam a existência de um mundo espiritual, que entendiam ser existente e real apenas o que se tem nesta vida terrena, mostraram ser quimeras, ilusões sem qualquer base, o que fez com que, ainda que modo paulatino, novamente se procurasse buscar o que está além da matéria, retomando a humanidade uma busca do eterno, do intangível, com um reforço da religiosidade, algo que já se começa a sentir mais fortemente no Ocidente, que foi mais afetado por esta onde secularista.

- Este retorno à religiosidade e à espiritualidade, que se verifica nos últimos cinquenta anos, entretanto, é, no mais das vezes, um simples “tatear”, como mencionou o apóstolo Paulo no Areópago de Atenas, o círculo intelectual mais elevado de seu tempo, em que os homens tentam buscar ao Senhor, tentando encontrá-lo (At.17:27), numa luta vã, visto que estão com seus entendimentos cegados para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo (II Co.4:4).

- O diabo, sabedor da tragédia causada pela crença na razão, imediatamente procurou iludir a humanidade, trazendo conceitos totalmente equivocados a respeito da espiritualidade, levando os homens a uma falsa religiosidade, a um esoterismo e, mesmo, ao próprio culto a si mesmo, buscando, de todas as maneiras, afastar as pessoas de Cristo, ação esta que o apóstolo João chamou de “espírito do anticristo” (I Jo.4:1-3) e Paulo, de “mistério da injustiça” (II Ts.2:7).

- Mas não basta que tenhamos consciência, consciência advinda de nossa salvação em Cristo Jesus, de que estamos diante de uma luta espiritual e que não podemos confundir como inimigos “a carne e o sangue”.

- Cientes de que nosso inimigo são os espíritos malignos que, por definição, são superiores e mais poderosos que nós, já que fomos feitos pouco menores do que os anjos (Sl.8:5), mister se faz que tomemos a “armadura de Deus”, sem o que não poderemos resistir no dia mau (Ef.6:12).

- **Paulo, ao fazer a alusão à armadura de Deus, tinha em mente o soldado romano,** pois a armadura por ele mencionada é uma analogia com a indumentária que era utilizada pelo exército de Roma.

- Nos dias do apóstolo, Roma dominava o mundo conhecido de então sem qualquer questionamento. Não havia potência ou nação que pudesse sequer ombrear com os romanos. Estávamos na época que passou a ser conhecida como “pax romana”, “...o longo período de relativa paz, gerada pelas armas e pelo autoritarismo, experimentado pelo Império Romano que iniciou-se quando Augusto, em 28 a.C., declarou o fim das guerras civis e durou até o ano da morte do imperador Marco Aurélio, em 180 d.C....” (Pax Romana. In: WIKIPEDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pax_Romana Acesso em 16 nov. 2018).

- Entretanto, embora Roma estivesse em pleno domínio, não poderia só com o seu “nome”, com sua “história”, garantir e manter esta supremacia. Era preciso que tivesse um exército forte e bem equipado e, por ter o mais poderoso exército é que o Império Romano possuía aquela posição hegemônica.

Paulo repete a exortação que fez no versículo 11: Portanto, tomai toda a armadura de Deus (13). Portanto é o jeito de o apóstolo apanhar e aplicar o que previamente fora declarado. Na verdade, ele está dizendo: “Percebendo a concentração e o poder dos vossos inimigos, tomai a armadura de Deus”. O objetivo dos soldados devidamente armados é resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Resistir (antistenai) apresenta idéia mais forte que a registrada no versículo 11. O dia mau tem diversas interpretações. Jerônimo pensou que era o dia do julgamento. Wesley comenta que é “a aproximação da morte, ou durante a vida”. Outros entendem que é o período imediatamente precedente à segunda vinda. As passagens apocalípticas do Novo Testamento indicam que haverá aumento de conflito antes da segunda vinda de nosso Senhor (Mc 13; 2 Ts 2.3). O uso do artigo definido junto com a palavra grega dia (hemera) sugere um determinado dia. Mas certos expositores consideram que é o tempo especial de conflito para cada cristão em particular, como indica o Salmo 41.1: “O Senhor o livrará no dia do mal”. E bastante possível, acompanhando Bruce e Westcott, entender que o dia mau é designação a “a presente era”. Em 5.16, Paulo afirma que “os dias são maus”. Bruce conclui: “A era é má por causa das forças más que, embora tenham sido derrotadas por Cristo, ainda exercem controle sobre o mundo que não se beneficia dos frutos da vitória de Cristo”. O cristão tem de tomar a armadura que Deus fornece e, tendo-a apertado com firmeza em torno de si, sair para resistir o mal de sua época.

- O espírito de otimismo do apóstolo irrompe com as palavras: E, havendo feito tudo, ficar firmes. A frase havendo feito tudo é mais bem traduzida por “havendo realizado todas as coisas”. Ainda que possa ter sentido de “havendo terminado de colocar a armadura”, pelo visto, preparação não é a idéia principal, mas o bom êxito em resistir ao inimigo. Quando derrotamos e expulsamos o inimigo do campo, nos postamos vitoriosos e destemidos. Resistir eficazmente significa não ser desalojado de sua posição e manter seu posto com triunfo. Por conseguinte, como observa J. A. Robinson: “O apóstolo nunca considera a possibilidade de derrota”.

14 Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça;

- Não devemos ceder à sedução e aos ataques do Diabo, mas resistir-lhes. Lemos que Satanás se levanta contra nós. Se ele se levantar contra nós, precisamos nos levantar contra ele, estabelecer e conservar um interesse em opor-se ao Diabo. Satanás é o iníquo, e seu reino é o reino do pecado; colocar-se contra Satanás é lutar contra ele. “...para que possais resistir no dia mal e, havendo feito tudo, ficar firmes”, isto é, no dia da tentação ou de alguma tribulação dolorosa. Devemos ficar firmes na nossa base... e, havendo feito tudo, ficar firmes”. Devemos decidir, pela graça de Deus, não ceder a Satanás. Resistir-lhe, pois ele fugirá. Se suspeitarmos ou duvidarmos da nossa causa, ou do nosso líder, ou da nossa armadura, damos vantagem a ele. Nossa tarefa atual é opor-nos aos ataques do Diabo e não ceder; e então, tendo feito tudo que cabe a um bom soldado de Jesus Cristo, nossa batalha será concluída e seremos finalmente vitoriosos. Devemos permanecer armados. O apóstolo explica esse aspecto em detalhes. Observamos um cristão com sua armadura completa; e a armadura é divina: armadura de Deus, armadura da luz. Armadura da justiça. O apóstolo especifica os aspectos particulares dessa armadura, tanto ofensivos quanto defensivos: o cinto, a couraça, a armadura para as pernas (ou os sapatos do soldado), o escudo, o capacete e a espada. Observamos que, entre todos eles, não há nenhuma proteção para as costas; se

voltarmos nossas costas para o inimigo, nos expomos. A verdade ou a sinceridade é o nosso cinto. Isso foi profetizado acerca de Cristo, de que "...a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade, o cinto dos seus rins". Todo cristão deve ser cingido com o que Cristo foi cingido. Deus deseja a verdade, isto é, a sinceridade, no nosso íntimo. Esta é a força dos nossos lombos. Ela cinge todas as outras partes da nossa armadura, e, portanto, é mencionada primeiro. Não conheço uma religião que não esteja baseada em sinceridade. Alguns entendem que o cinto representa a doutrina das verdades do evangelho: elas deveriam estar firmadas em nós como o cinto aos lombos. Isto refreará a libertinagem e a licenciosidade, como um cinto refreia e detém o corpo. Este é o cinto do soldado cristão: sem ele, o soldado não é abençoado. A justiça deve ser a nossa couraça. A couraça protege os órgãos vitais e o coração. A justiça de Cristo imputada a nós é nossa couraça contra as flechas da ira divina. A justiça de Cristo implantada em nós é a nossa couraça para fortalecer o coração contra os ataques que Satanás faz contra nós. O apóstolo explica isso em 1 Tessalonicenses 5:8: "... vestindo-nos da couraça da fé e da caridade". Fé e caridade (amor) incluem todas as graças cristãs; porque pela fé somos unidos a Cristo e pelo amor aos nossos irmãos. Isso resultará no cumprimento diligente do nosso dever para com Deus e numa conduta íntegra em relação aos homens, em todos os ofícios de justiça, verdade e caridade. A determinação deve ser como a armadura para as nossas pernas: "...e calçados os pés na preparação do evangelho da paz".

- O apóstolo, então, sabendo que também está garantida a vitória ao salvo, pois o Senhor Jesus, assim que revelou o mistério da Igreja, afirmou que "as portas do inferno não prevaleceriam contra ela" (Mt.16:18), teve em mente a figura do soldado romano, pois, ainda que Roma fosse invencível, necessário era que o soldado estivesse armado para repelir qualquer investida que o inimigo viesse a dar, ainda que tal inimigo seria inevitavelmente derrotado.

- Como o homem condição alguma tem de se salvar ou ter algum êxito espiritual utilizando-se de suas parcas forças próprias; como o homem é inferior ao diabo e, portanto, condição alguma tem de vencê-lo na batalha, é absolutamente necessário que seja fortalecido por Deus, e isto o apóstolo disse em Ef.6:10 e tal fortalecimento se dá, inclusive, pelo fornecimento de armas adequadas e apropriadas para o embate com as hostes espirituais da maldade, que é a referida "armadura de Deus".

- O apóstolo começa dizendo que precisamos nos "revestir" da armadura de Deus, ou seja, a armadura é apenas algo que se põe acima das vestes do cristão. E que vestes são estas? São as vestes da salvação e da justiça.

- O profeta Isaías diz que somos vestidos de vestes de salvação (Is.61:10). Com efeito, no pecado, estamos nus espiritualmente. Lembremos que a nudez foi a primeira sensação sentida pelo primeiro casal após a queda. Ali não se tratou apenas de percepção de que não tinham roupas para cobrir o seu corpo, mas, muito mais do que isto, de que haviam perdido a comunhão com Deus, haviam deixado de ser justos.

- Tanto assim é que o apóstolo fala desta circunstância em II Co.5:1-3, quando menciona que o salvo anela ser revestido do céu, não atentando para as coisas desta vida, mas que este revestimento, que nada mais é senão a glorificação, somente será possível se "não formos achados nus", a demonstrar aqui que existe, por parte do homem sem salvação, uma "nudez espiritual".

- Estas vestes de salvação são, também, vestes de justiça. A Igreja vitoriosa estará trajada com vestes de linho quando das bodas do Cordeiro e estas vestes representam as justicas dos santos (Ap.19:8).

- Quando alcançamos a salvação, somos vestidos de vestes de salvação e de justiça e somente os que possuem tais vestes serão dignos de estar para sempre com o Senhor (Ap.3:4,5).

- B. A Armadura de Deus, 6.14-17

- Mantendo-se “fortes no Senhor”, ou seja, equipando-se com a armadura de Deus, os cristãos vencem prosperamente as lutas contra as forças do mal. Esta é a certeza de Paulo. Agora ele se dedica a descrever em detalhes “toda a armadura” (panóplia) que o homem de Deus tem de vestir.

- Diversos fatos preliminares relativos a esta descrição são dignos de nota. Políbio, que viveu entre 201 e 120 a.C., passou a vida escrevendo história e se tornou autoridade em táticas de guerra. Em um de seus livros, ele faz descrição completa da vestimenta que a infantaria romana usava. Paulo omite duas peças essenciais deste vestuário do soldado romano: as grevas (parte da armadura que cobria as pernas, dos joelhos aos pés) e a lança. J. A. Robinson conclui que Paulo não se baseia muito no traje militar do soldado romano, mas que seu pensamento está mais em termos da figura do Antigo Testamento que descreve Deus, o Guerreiro. Paulo transferiu elementos desta imagem guerreira para o cristão. Muitas das peças da armadura são mencionadas em passagens do Antigo Testamento, as quais poderiam estar na mente de Paulo quando ele escrevia (cf. Is 11.4,5; 59.14-17; ver tb. o livro apócrifo A Sabedoria de Salomão 5.17ss.).

- Segundo, na famosa alegoria de O Peregrino, John Bunyan observa que a armadura não oferece proteção para as costas. Isto dá a entender que, na opinião militar do apóstolo, ele não cogitava a ideia de o cristão bater em retirada.

- Terceiro, a ordem em que Paulo descreveu as peças da armadura é a ordem na qual o soldado as colocava. Peça por peça, Paulo menciona as partes da vestimenta militar, aplicando a cada uma algum aspecto da preparação cristã para a vida vitoriosa.

- 1. O Cinto da Verdade (6.14)

- Paulo exorta os leitores a permanecer firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade. Com as roupas soltas do vestuário oriental, a primeira coisa que o soldado tinha de fazer era amarrar o cinto na cintura. O cinto prendia a túnica firmemente ao corpo, dando liberdade de movimentos. O cinto também servia para levar a espada, de forma semelhante ao que os militares fazem hoje em dia para prender o revólver ao cinto. Outras peças da armadura eram, provavelmente, presas ao cinto. Verdade (aletheia) não deve ser considerada como o evangelho no sentido objetivo, pois mais adiante Paulo a relaciona com a espada. Verdade aqui é para ser entendida subjetivamente, porém é mais que a virtude humana de sinceridade e honestidade no sentido habitual. Segundo definição de Hodge, esta verdade é o conhecimento e crença na palavra revelada de Deus. O apóstolo está pensando em termos existenciais quando fala da verdade. Quando o soldado cristão se cinge com a verdade, no sentido paulino, ele se apropria da Palavra pela fé. Isto dá segurança, estabilidade e determinação à sua vida e ações. Assim, ele não só tem sabedoria e entendimento, mas também vive em

verdade. E nisto que está sua força na hora da provação. Razão, tradição, credos e filosofias podem desabar sob a tensão da batalha, mas a Palavra de Deus crida e vivida permanece intacta. Na opinião de Moule, estar cingido com o cinto da verdade significa estar “tranquilo e forte na realidade e simplicidade, pela graça, de suas relações com o Rei”.

- 2. “A Couraça da Justiça” (6.14)

- O texto de Isaías 59.17 declara que Deus se vestiu “de justiça, como de uma couraça, e pôs o elmo da salvação na sua cabeça”. Justiça (dikaiosyne) não é para ser compreendida como um novo status que o homem tem com Deus através da fé em Cristo. Trata-se da vida de pureza e retidão que a nova relação com Deus cria. Da mesma maneira que a verdade tem uma dimensão subjetiva, assim sucede com a justiça. Barclay escreve: “Quando o crente se veste de justiça, ele é invencível. Palavras não são defesas contra acusações, mas uma vida justa é”. A dignidade protetora da pureza e santidade não pode ser negada. Dale observa: “Um coração puro ofende-se com repugnância e desprezo às primeiras investidas da tentação à impureza”. Render-se ao pecado é tornar-se vulnerável. Covardia e hesitação são subprodutos do coração injusto, ao passo que bravura e coragem emanam de pensamentos e ações corretas.

15 e calçados os pés na preparação do evangelho da paz;

- Sapatos ou grevas de bronze (proteção para as pernas do joelho para baixo), ou algum material parecido, antigamente faziam parte da armadura militar. O seu uso tinha o propósito de defender os pés contra as armadilhas de escuriações e gravetos afiados, que habitualmente eram colocados secretamente no caminho, para obstruir a marcha do inimigo. A preparação do evangelho da paz significa uma disposição de ânimo preparada e resoluta, ou seja, dedicar-se ao evangelho e ficar fiel a ele, o que nos capacita a andar a passos firmes no caminho da fé, apesar das dificuldades e perigos desse caminho. Ele é chamado de o evangelho da paz porque traz toda sorte de paz: paz com Deus, conosco e com o próximo. Talvez também signifique aquilo que prepara o recebimento do evangelho, a saber, o arrependimento. Nossos pés precisam ser calçados com ela: porque ao viver uma vida de arrependimento, somos guarnecidos contra as tentações para pecar e os intentos do nosso grande inimigo. O Dr. Whitby acredita que este deve ser o sentido das palavras: “Para estarem prontos para o combate, vocês precisam calçar o evangelho da paz, esforçar-se para obter a mente pacífica e tranquila que o evangelho requer. Não permitam ser facilmente provocados, nem inclinados a brigar: mas mostrem bondade e longanimidade a todas as pessoas, e isso certamente os preservará de muitas e grandes tentações e perseguições, como aqueles sapatos de bronze dos soldados os protegiam das ciladas no caminho”. A fé deve ser nosso escudo: “...tomando sobretudo, ou principalmente, o escudo da fé”.

- Pois bem, estando já vestidos de vestes de salvação e de justiça, enquanto estamos nesta peregrinação terrena, temos de nos revestir da armadura de Deus, pois, sem ela, não poderemos enfrentar o inimigo. Ser salvo é indispensável para poder ser soldado, mas não basta que o soldado esteja alistado, é preciso que esteja devidamente armado.

- Se não estivermos devidamente armados, não poderemos resistir no dia mau nem fazer o que for necessário para ficarmos firmes (Ef.6:13). Esta armadura é necessária para que resistamos ao diabo e seus anjos e para que façamos o que for necessário na batalha espiritual para manter a nossa firmeza.

SOLDADO ROMANO ÉPOCA DE JESUS



- A primeira providência que o apóstolo diz que o salvo deve ter na batalha espiritual é a firmeza. Diz ele: “Estai, pois, firmes” (Ef.6:14). A armadura de Deus não dá firmeza, mas tão somente a mantém. Quem está devidamente armado na guerra contra o mal “fica firme”, ou seja, “continua firme”, mas a firmeza não é dada pela armadura, é apenas mantida por ela.

- A palavra grega empregada é “histemi” (ἵστημι), cujo significado é de “permanecer, ficar parado, reter”. “Estar firmes”, portanto, é permanecer na posição de salvo, é continuar servindo a Cristo, continuar a segui-lo, seguir a jornada pelo “caminho apertado”, após ter passado pela “porta estreita” (Mt.7:13,14). Para “permanecer”, mister que se permaneça na Palavra, pois só assim seremos realmente discípulos de Cristo (Jo.8:31,32).

- **Estar firme, assim, é observar a doutrina**, obedecer e praticar tudo quanto for ensinado e que se encontra nas Escrituras, pois, se assim não fizermos, condição alguma teremos de empreender qualquer guerra contra as potestades do mal. Por isso é dito que precisamos “estar firmes e reter as tradições que foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola” (II Ts.2:15). OBS: Devemos observar que o que o apóstolo fala aqui de “tradições” são os ensinados oralmente pelo apóstolo, “a doutrina” mencionada em At.2:42, já que, àquela altura, ainda não havia o Novo Testamento (as duas cartas aos tessalonicenses são os livros mais antigos do Novo Testamento). Não se trata, portanto, de considerar que a firmeza espiritual dependa de “tradições”, que são existentes em todos grupos sociais, inclusive as igrejas locais, mas que jamais podem invalidar a Palavra de Deus, como Jesus deixa bem claro em Mt.15:3,6.

- Estar firme é não mover a esperança do evangelho que se recebeu (Cl.1:23), mantendo a crença na Palavra recebida e que nos trouxe a fé salvadora. Esta fé deve desenvolver em nós uma fé, uma confiança em Deus, de tal modo que não nos deixamos persuadir por quaisquer discursos que tentem desmentir ou de alguma forma distorcer tudo quanto foi falado pelo Senhor Jesus e que nos é lembrado e ensinado pelo Espírito Santo (Jo.14:26; 16:14,15). Por isso, é dito que precisamos estar “firmes na fé” (I Co.16:13; I Pe.5:9), “na confissão da nossa esperança” (Hb.10:23).

- Estar firme é ter a consciência de que nada merecemos e que a nossa salvação é pela graça, motivo pelo qual devemos sempre estar debaixo dela, pedindo, inclusive, maior graça nos instantes em que somos atingidos pelas circunstâncias adversas da vida (Tg.4:5,6), mantendo a mansidão e humildade de coração que aprendemos com o Senhor Jesus (Mt.11:29). Por isso, é dito que precisamos “estar firmes na graça” (Rm.5:2; I Pe.5:12).

- 3. As Sandálias do Evangelho (6.15)

- As sandálias militares, especificamente projetadas, eram confeccionadas para proteger os pés e capacitar o soldado a manter o equilíbrio em terrenos acidentados. Proporcionavam pleno apoio para os pés, dando agilidade de movimentos. O guerreiro cristão precisa ter a proteção e a mobilidade de pés calçados na preparação do evangelho da paz. A palavra preparação (etoimasia) pode significar: 1) Preparação no sentido de aprontando 2) O estado de prontidão; 3) Fundação ou firmeza; e, 4) Prontidão ou presteza de mente. Paulo tem em mente este último significado — a prontidão que o evangelho de paz cria. Hodge comenta: “À medida que o evangelho assegura nossa paz com Deus, e dá a certeza do seu favor, produz essa alegre vivacidade mental que é essencial no conflito espiritual”. A paz sobre a qual Paulo escreve, é a paz com Deus pela salvação. No plano de fundo, discernimos a exclamação de Isaías: “Quão suaves são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is 52.7; cf. Ef 2.17).

16 tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno;

- Ele é mais necessário do que qualquer outra arma. A fé é tudo em todos em um momento de tentação. A couraça protege os órgãos vitais; mas com o escudo revertemos qualquer ataque, “...esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”. Precisamos estar completamente persuadidos da verdade em relação a todas as promessas e exortações de Deus. Esse tipo de fé é uma grande arma contra as tentações. Considere a fé como “...a prova das coisas que se não veem e o firme fundamento das coisas que se esperam”. Ela certamente será muito útil para esse propósito. A fé, ao receber a Cristo e os benefícios da redenção, obtendo graça dele, é como um escudo, um tipo de defesa universal. Nosso inimigo, o Diabo, é aqui chamado de maligno. Ele é maligno e se empenha em tornar-nos malignos. Suas tentações são chamadas de dardos por causa da sua velocidade e do voo não reconhecido, além das profundas feridas que deixam na alma; dardos inflamados, fazendo alusão aos dardos venenosos que costumavam inflamar as partes do corpo que eram atingidas por eles, como as serpentes com suas picadas venenosas são chamadas de serpentes ardentes. Os dardos que Satanás atira em nós são as tentações violentas, incitando a alma ao fogo do inferno. A fé é o escudo que devemos usar para extinguir esses dardos inflamados, tornando-os ineficazes, não nos atingindo,

ou pelo menos não nos ferindo. Observe: A fé agia na Palavra de Deus, e, ao aplicá-la, agia sobre a graça de Cristo, extinguindo os dardos da tentação. A salvação deve ser nosso capacete.

- **Estar firme é ter a Cristo Jesus como centro de nossas vidas**, como nosso alvo, como nosso Senhor, seguindo a Sua direção e orientação e procurando imitá-l'O cada vez mais, por ser Ele o nosso exemplo (I Co.11:1; I Pe.2:21. Hb.12:1,2). Por isso, é dito que devemos estar firmes no Senhor (I Ts.3:8; Fp.4:1) como também na Sua vontade (Cl.4:12).

- **Estar firme é nos manter em santidade**, não voltando a uma vida de pecado, para garantirmos a liberdade que obtivemos com a nossa salvação. Por isso, é dito que precisamos “estar firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não tornei a meter-vos debaixo do jugo da servidão” (Gl.5:1).

- Assim, se o salvo estiver devidamente vestido de salvação e de justiça, não sendo achado nu e, mais do que isto, estiver firme, tem condições de revestido da armadura de Deus, cujos componentes são, então, descritos pelo apóstolo Paulo.

- **O primeiro componente é o cinto ou cinturão da verdade** (Ef.6:13). O apóstolo diz que o salvo precisa cingir os seus lombos com a verdade. “...Na armadura do soldado romano, é o cinto que dá sustentação a todos os componentes da armadura...” (SANTOS, Flávio. Acerca da batalha espiritual: a armadura de Deus. 17 maio 2016 Disponível em: <http://www.apenasevangelho.com.br/2012/07/acerca-dabatalha-espiritual-armadura.html> Acesso em 16 nov. 2018).

- Por isso, começa o apóstolo falando do cinturão que, aos olhos menos avisados, não seria um componente prioritário ou tão importante assim. Na ilustração acima, vemos que é o cinto que mantém unidas as peças da armadura e, nesta junção, permite que o soldado tenha a necessária liberdade para se movimentar em meio ^a batalha, o que é essencial numa luta corporal como era a guerra daqueles dias.

- A verdade, sabemos todos, é a Palavra de Deus (Jo.17:17) e já vimos há pouco que um dos requisitos para se ter firmeza espiritual, que é pressuposto para se ser armado para a batalha espiritual, é a permanência na Palavra, que é a verdade.

- É a Palavra de Deus que nos permite movimentação exitosa diante das astutas ciladas do diabo, que nos permite desviar do mal e não cair nas trevas. O Senhor Jesus mesmo disse que vem para a luz tão somente aqueles que praticam a verdade, pois suas obras são manifestas em Deus (Jo.3:21).

- Quando o cristão pratica a verdade, vive uma vida em verdade, naturalmente afugenta o diabo, que é o pai da mentira (Jo.8:44). Ademais, a verdade é a Palavra de Deus(Jo.17:17) e, portanto, quando adotamos a verdade como critério de nossas vidas, estaremos nos utilizando das Escrituras e, por conseguinte, afugentando o adversário.

- A verdade traz liberdade (Jo.8:32) e o cinturão da verdade permite que livremente atuemos em meio às investidas do nosso adversário, sem qualquer condição de por ele sermos aprisionados ou detidos.

- Se, no entanto, descuidarmos da verdade, toda nossa armadura se desconjuntará e não teremos condição alguma de prosseguirmos na peleja. Uma das grandes armas do inimigo tem sido levar o cristão a ter uma vida de hipocrisia, a deixar uma vida espiritual e trocá-la por uma mera religiosidade, passando, assim, a ser um cego espiritual, um simples homem natural, como eram os fariseus nos dias de Jesus (Jo.9:41), filhos do inferno que geram outros filhos do inferno (Mt.23:15). Que Deus nos guarde!

- **O segundo componente da armadura de Deus é a couraça da justiça** (Ef.6:14). “...Na armadura do soldado, havia uma couraça grossa que o protegia no combate corpo-a-corpo. ... (SANTOS, Flávio. end.cit.) . Já vimos que, ao ser salvo, o homem é vestido de vestes de justiça. O cristão é justificado pela fé e passa a ter paz com Deus. O pecado é iniquidade (I Jo.3:4) e uma vida de justiça é uma vida de equidade (Fp.4:5), fruto de uma vida de comunhão com Deus. Por isso, o salvo é cheio de fruto de justiça, que é por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp.1:1).

- 4. “O Escudo da Fé” (6.16)

- Acima de tudo tem o sentido de “além de tudo ” (cf. NVI). Escudo, neste caso, não é o escudo pequeno e circular (aspis) que soldados romanos levavam, mas o escudo grande e oblongo (thyreos), que fazia parte da farda militar dos romanos quando a batalha era severa. Esse escudo era escavado na madeira e coberto com couro para interceptar e apagar as setas incendiárias que o inimigo atirava. O cristão fortemente armado leva um escudo da fé, que na interpretação de Salmond é “a fé salvadora — a fé pela qual vem o perdão divino e o poder de uma nova vida”. Por outro lado, segundo entendimento de Moule, a fé usada aqui é a “confiança inteiramente em Deus, que olha totalmente para fora de si, concentrada em Deus”. E acrescenta que esta é a essência da fé e dá seu poder de salvação. A fé que traz libertação do pecado é a fé que guarda. A fé que responde obedientemente ao chamado de Deus é a fé que continua confiando em Deus. As palavras de Mackay são perspicazes: “A confiança do cristão tem de estar em Deus. Ele não deve acalentar dúvidas relativas à base de sua fé e à verdade de sua causa. Ele deve ser pessoa de profunda convicção que tem em torno de si a atmosfera de decisão tranquila. [...] Ele sabe o que é, e a quem pertence”. Com semelhante fé, “todo projétil ardente que o inimigo atirar” (CH) será interceptado e extinguido. O maligno, isto é, o diabo não pode atingir a alma com seus dardos ardentes para incitá-la ao pecado.

17 Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;

- A "espada do Espírito, que é a palavra de Deus", é a arma ofensiva do crente, para uso na guerra contra o poder do mal. Por esta razão, Satanás fará todos os esforços possíveis para subverter ou destruir a confiança do crente na Palavra. A igreja precisa defender as Escrituras inspiradas contra o argumento de que ela não é a Palavra de Deus em tudo que ensina. Abandonar a posição e a atitude de Cristo e dos apóstolos para com a Palavra de Deus é destruir seu poder de convencer, corrigir, redimir, curar, expulsar demônios e vencer o mal. Negar sua fidedignidade total, em tudo quanto ela ensina é entregar-nos a Satanás.

- Isto é, esperança, que tem a salvação como seu objetivo, como consta em uma boa esperança de salvação, bem fundada e bem edificada, purificará a alma e a guardará de ser corrompida por Satanás, e a confortará e a guardará de ser importunada e atormentada por Satanás. Ele procuraria nos tentar até desesperarmos. Mas a boa esperança nos mantém confiando em Deus e regozijando-nos nele. A Palavra de Deus é a espada do Espírito. A espada é uma parte muito necessária e útil do equipamento do soldado. A Palavra de Deus é muito necessária e de grande proveito ao cristão, para suportar a guerra espiritual e ser bem-sucedido nela. Ela é chamada de "...a espada do Espírito", porque é a ditada pelo Espírito e Ele a torna eficaz e poderosa e "...mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes". Como no caso da espada de Golias, não há outra igual; com ela atacamos os agressores. Os argumentos das Escrituras são os argumentos mais poderosos para repreender a tentação. O próprio Cristo resistiu às tentações de Satanás com ela: "Está escrito". A Palavra de Deus escondida no coração nos protegerá do pecado e mortificará e matará essas concupiscências e corrupções que estão latentes ali. A oração deve estar atada a todas as outras partes da nossa armadura cristã.

- O Senhor conhece o caminho dos justos (Sl.1:6) e a prática da justiça, que é o contrário da prática da iniquidade, faz-nos livres do poder do mal e nos permitirá entrar no reino de Deus (Mt.5:20). A iniquidade, isto é, a injustiça é algo próprio e peculiar ao diabo (Ez.28:15,18).

- A justificação é a imputação da justiça de Cristo a nós e, portanto, somos vistos por Deus através de Cristo, de modo que temos "ficha limpa" diante do Senhor. Nossos pecados, cometidos antes de nossa salvação, nunca mais são lembrados pelo Senhor (Jr.31:34; Mq.7:19; Hb.8:12; 10:17). De igual maneira, os pecados cometidos após a nossa salvação, se confessados e deixados, são igualmente esquecidos, porquanto o sangue de Jesus deles nos purifica (I Jo.1:7-2:2).

- "...A couraça serve para proteger o coração. Em Jesus fomos justificados; agora estamos do lado da justiça. Um coração protegido pela couraça da justiça também não se deixará corromper pelo pecado (Tg.1:27). Para vestir a couraça da justiça é preciso lembrar que Jesus nos justificou. Devemos tentar sempre fazer o que é justo e certo, rejeitando a corrupção e o egoísmo e, quando pecamos, devemos pedir perdão..." (RESPOSTAS bíblicas. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/o-que-e-armadura-de-deus/> Acesso em 16 nov. 2019).

- O coração é o homem interior, a nossa alma e o nosso espírito. O coração deve ser guardado. Como diz Salomão: "...Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida" (Pv.4:23). Deus não despreza um coração quebrantado, um coração contrito (Sl.51:17), de modo que se impõe que sempre estejamos prontos a pedir perdão pelos pecados cometidos, confessando-os e os deixando.

- Estamos, assim, protegidos contra o embate direto que o inimigo de nossas almas fará contra nós, pois, em sendo acusados por ele, o sangue de Cristo está pronto para nos purificar e, assim, ficamos mais alvos do que a neve. Tal se dará até entrarmos na cidade celeste, pois ali entrarão todos os que tiverem suas vestiduras lavadas no sangue do Cordeiro (Ap.22:14).

- Por isso, não tem fundamento algum a doutrina criada pela “teologia da batalha espiritual”, de que, quando pecamos, damos “legalidade” ao diabo, que, assim, pode nos dominar. Isto simplesmente não é verdade, já que, como salvos, estamos, sim, sujeitos a pecar, não a viver pecando. O pecado na vida do salvo é um acidente e, quando pecamos, não estando envolvidos com o pecado, de imediato, sentimos o deslize e confessamos o nosso pecado, deixando-o, alcançando, assim, misericórdia (Pv.28:13).

- Esta falsa “doutrina da legalidade” é cabalmente desmentida no episódio narrado pelo profeta Zacarias que teve a visão da acusação satânica contra o sumo sacerdote Josué, um dos baluartes usados por Deus na reconstrução do templo de Jerusalém. Acusado por Satanás de estar com as suas vestes manchadas, o que fez o Senhor? Deu “legalidade” a Satanás? Deixou Satanás atuar contra o sumo sacerdote? Não, não e não! Mandou que as vestes de Josué fossem trocadas, ou seja, como o pontífice se arrependeu de seus pecados, alcançou misericórdia, sem que o diabo nada tenha podido fazer senão acusar (Zc.3). E isto no tempo da lei, que dirá agora, que vivemos a época da graça?

- Em Ap.12:10,11, temos outra evidência do valor que tem a couraça da justiça. Ali é dito que, no dia do arrebatamento da Igreja, quando formos glorificados, haverá alegria por parte dos salvos, porque terá se consumado a sua salvação e o diabo, que os acusava dia e noite diante de Deus, será derribado na Terra. Mas o que nos chama a atenção aqui é que o texto diz que o diabo acusava “os nossos irmãos”, ou seja, a acusação satânica nunca teve o condão de impedir que os salvos continuassem sendo “irmãos de Jesus”, continuassem a ter o Senhor Jesus como seu primogênito (Rm.8:29; Hb.2:11).

- O sangue de Jesus purifica-nos de todo pecado, põe-nos em comunhão com o Senhor, porque a remissão vem do derramamento deste sangue inocente (Hb.9:22) e, portanto, por ele, ficamos mais alvos do que a neve (Is.1:18), sem condições de sermos atingidos pelas acusações do adversário.

- Entretanto, devemos tomar muito cuidado para que os “dardos inflamados do inimigo” não nos venham atingir e seja “perfurada” a nossa couraça. Tais dardos, como veremos infra, são dúvidas quanto à veracidade da Palavra, quanto à fidelidade divina e, se formos lançados no campo da dúvida, podemos dar início a uma vida pecaminosa que nos levará a um progressivo e perigoso afastamento da presença de Deus, a ponto de nos tornar novamente presas do pecado, de voltarmos a ser dominados por ele.

- 5. “O Capacete da Salvação” (6.17)

- Prossequindo em sua descrição e exortação, Paulo nos adverte a tomar o capacete da salvação. Tomai (dexasthe) deveria ser traduzido por “recebei” (cf. NTLH). Após colocar as outras peças da armadura, o soldado recebia do criado o capacete, um traje militar devidamente ajustado e mais leve para proteger esta parte vital do corpo. Semelhantemente, ele recebia a espada. O momento adequado para utilizá-los não é fato significativo na figura de Paulo. A salvação que recebemos de Deus é nossa maior proteção de todos os ideais que valem a pena na vida humana.

- Não parece próprio interpretarmos que o capacete da salvação seja apenas a grande confiança que possuímos no fato de Deus ter poder para nos salvar. Simboliza a

proteção assegurada pela participação na salvação de Deus. Se os soldados entram na batalha alienados de Deus, estranhos e estrangeiros, sem Deus, eles não têm garantia de proteção. Mas se são participantes da graça de Deus para a salvação, eles serão “mais do que vencedores”. Deus cuida dos que lhe pertencem: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31; cf. Rm 8.37-39). E esta salvação abrange o presente e o futuro. Em 1 Tessalonicenses 5.8, lemos que o capacete é “a esperança da salvação”. Westcott esclarece o ponto concisamente: “O senso de salvação coloca a vida fora de todo o perigo.”

- 6. “A Espada do Espírito” (6.17)

- A expressão a espada do Espírito é interpretada de dois modos. Na ótica de Goodspeed, a espada é o Espírito, levando-o a traduzir a exortação da seguinte forma: “Tomai [...] por vossa espada o Espírito, que é a voz de Deus”. Por outro lado, Beare insiste que a expressão tem conotação possessiva, o que leva à seguinte tradução: “Tomai [...] a espada que é a propriedade do Espírito” ou “a espada que o próprio Espírito empunha”. O ponto de vista de Beare apoia a interpretação de que a espada do Espírito é “a espada que o Espírito dá”. Esta tradução é apoiada fortemente pela expressão que vem a seguir, pois designa que a espada é a palavra de Deus.

- Duas opiniões também prevalecem sobre a identificação da palavra (rhema). A primeira diz que é “a expressão vocal de Deus apropriada para a ocasião que o Espírito, por assim dizer, põe na mão do crente para ser empunhada como espada”. Os comentaristas que defendem esta posição reportam-se às palavras de Jesus registradas em Mateus 10.19. Neste texto, ele exorta os discípulos a não se preocuparem com o que dirão quando forem levados em custódia, “porque, naquela mesma hora, vos será ministrado o que haveis de dizer”. O segundo e mais aceitável ponto de vista identifica a palavra com as Santas Escrituras. O próprio fato de nosso Senhor ter repellido Satanás com as Escrituras apoia amplamente esta relação. Não deveríamos negligenciar a associação óbvia do Espírito Santo com as Escrituras (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.20,21).

- Todas as outras peças da armadura mencionadas nesta lista são de natureza defensiva, visto que o propósito é permitir que o cristão fique firme. Mas a espada do Espírito é para a guerra ofensiva. Wesley comenta: “Temos de atacar Satanás e também nos defender; o escudo numa mão e a espada na outra. Quem luta contra os poderes do inferno precisa de ambos”. O escritor aos Hebreus ressalta que “a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Com a Palavra de Deus, o cristão dispersa as dúvidas e inflige feridas mortais nas tentações.

18 orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos;

- A guerra do cristão contra as forças espirituais de Satanás exige dedicação a oração, i.e., orando "no Espírito", "em todo tempo", "com toda oração e súplica", "por todos os santos", "com toda perseverança". A oração não deve ser considerada apenas mais uma arma, mas parte do conflito propriamente dito, onde a vitória é alcançada, mediante a cooperação com o próprio Deus. Deixar de orar diligentemente, sob todas as formas de oração, em todas as situações, é render-se ao inimigo e deixar de lutar.

- Como podemos orar “em todo o tempo”? Uma maneira possível é fazer curtas e rápidas orações a respeito de cada situação que ocorre durante o nosso dia. Outra maneira é organizar nossa vida em torno da vontade e dos ensinamentos do Senhor, de modo que a nossa própria vida se torne uma oração. Não é necessário que nos isolem das demais pessoas e de nosso trabalho cotidiano a fim de orarmos constantemente. Podemos fazer da oração a nossa vida, assim como transformarmos a nossa vida em uma oração, mesmo vivendo em um mundo que precisa da poderosa influência de Deus. Também devemos orar por todos os crentes em Cristo Jesus. Assim, oremos pelos irmãos que conhecemos, bem como pela Igreja, que está em todo o mundo.

- Devemos unir a oração com todas essas virtudes, para nossa defesa contra esses inimigos espirituais, implorando a ajuda e o socorro de Deus, conforme a necessidade do momento: e sempre devemos orar. Não que não devamos fazer nada além de orar, porque há outras obrigações da religião e das nossas respectivas posições no mundo que precisam ser feitas no seu lugar e época; mas deveríamos manter constantes períodos de oração e ser constantes nelas. Devemos orar em todas as ocasiões e sempre que nossas necessidades ou as de outros assim o requererem. Devemos sempre conservar uma disposição para orar e devemos misturar orações fervorosas com outros deveres e interesses comuns. Embora as orações solenes e convencionais possam às vezes parecer sem motivo (como quando outras obrigações precisam ser realizadas), no entanto orações fervorosas e piedosas nunca podem ser assim. Devemos orar “...com toda oração e súplica”, com todos os tipos de oração: pública, privada, secreta, social e solitária, solene e repentina; com todas as partes da oração: confissão de pecado, petição por misericórdia, e ações de graça pelos favores recebidos. Devemos orar “...no Espírito”, nossos espíritos devem estar envolvidos nessa tarefa e devemos fazê-lo pela unção do bom Espírito de Deus. Devemos vigiar nisso, esforçando-nos para manter nosso coração em uma disposição de oração e aproveitar todas as ocasiões para essa função: devemos vigiar todos os movimentos do nosso coração em relação a essa função. Quando Deus diz: “Buscai o meu rosto”, nosso coração precisa concordar. Devemos fazê-lo “...com toda perseverança”. Devemos persistir no dever da oração, independentemente da mudança que possa haver em nossas circunstâncias exteriores; e devemos continuar com essa atitude enquanto vivermos no mundo. Devemos perseverar na oração particular; não abreviando-a, quando nosso coração está disposto a estendê-la e quando houver tempo e necessidade para tal. Também devemos perseverar em pedidos particulares, apesar de alguns desalentos e repulsas atuais. E devemos orar com súplica, não somente por nós mesmos, mas “...por todos os santos”. Porque somos membros uns dos outros. Considere isso: Ninguém é tão santo e está em tão boa condição neste mundo que não necessite das nossas orações; por isso devemos continuar orando. O apóstolo passa então à conclusão da epístola.

- Se nos esvaziarmos de Deus, se permitirmos que uma prática pecaminosa venha novamente a nos dominar, ficaremos na situação daquele que tinha a casa varrida e adornada, mas que, por estar vazia, passa a ser ocupada por espíritos malignos piores do que os que eram anteriormente ocupantes dela (Lc.11:24-26), pois sabidamente voltar a se envolver com o pecado deixa a pessoa numa situação espiritual pior de que quando era incrédula (II Pe.2:20-22).

- Vivemos dias de apostasia espiritual e precisamos tomar muito cuidado, pois quem se alonga de Deus perecerá, será destruído pela sua insensatez (Sl.73:27). Tomemos cuidado!

- **O terceiro componente da armadura de Deus é a preparação do evangelho da paz**, no qual devem estar calçados os nossos pés (Ef.6:15). “...Na armadura romana, os pés dos soldados deveriam estar firmes, e o calçado usado por eles era para dar sustentação nos combates, não poderiam escorregar de modo nenhum...” (SANTOS, Flávio. end. cit.).

- O cristão anda de acordo com as Escrituras, de acordo com a proposta das boas novas trazidas ao mundo por Cristo Jesus. Ele está preparado para pôr em prática aquilo que foi anunciado pelo Senhor e está em perfeita paz com o seu Senhor, justificado que foi pela fé.

- O crente é receptor da paz de Cristo (Jo.14:27) e a transmite aos outros, pois é um pacificador (Mt.5:9). Anuncia a salvação em Jesus (Mc.16:15,20) e, assim fazendo, afugenta o diabo, porquanto é um divulgador da verdade do evangelho, que é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm.1:16,17). Com estes calçados, o cristão entra pela porta estreita, que o conduz à vida eterna (Mt.7:13,14).

- O inimigo tem um caráter violento, pois seu interior é cheio de violência (Ez.28:16) e a paz de Cristo que está em nós destrói toda a violência e peleja trazida por Satanás e suas hostes, pois a paz de Cristo não é uma ausência de conflito, mas uma integração ao Senhor, algo que o mundo jamais pode tirar do salvo. Levamos as pessoas à presença de Deus, por Cristo Jesus, integrando-as ao reino de Deus, desfazendo a inimizade que o diabo gerou quando conseguiu que o primeiro casal pecasse.

- Não podemos, porém, permitir que nossos pés saiam da preparação do Evangelho da paz e, assim, desprotegidos, possam ser facilmente envolvidos nas guerras e pelejas carnisais, fazendo-nos andar por terrenos escorregadios, que nos façam ou parar de correr a carreira que nos está proposta, ou mesmo cair.

- Foi o que começou a acontecer com os gálatas que, seduzidos pelos judaizantes, descalçaram seus pés do evangelho e passaram a querer seguir a lei, o que, segundo o apóstolo, os impediu de continuar a correr bem a carreira rumo aos céus (Gl.5:7) e, quando isto acontece, deixamos de obedecer à verdade.

- Descalço, o soldado não tem condições de caminhar como se deve, perde movimentação e o torna alvo fácil do inimigo. Se deixarmos de lado “a preparação evangelho da paz”, se não estamos prontos a anunciar e a pregar o Evangelho, se passamos a trocar o Evangelho por outros “evangelhos”, tornamo-nos “anátemas”, ou seja, “amaldiçoados”, pessoas “interditadas”, “privadas da graça de Deus”.

- Ao descalçarmos nossos pés, corremos o risco de parar de correr e de cair, como já dissemos, e, por causa disso, muitos passam a ter “joelhos desconjuntados”, passam a “manquejar” na jornada, o que gerará um desvio espiritual. São os que estão a acolher falsos evangelhos. Devemos ir ao encontro destes, antes que se percam inteiramente, ajudando-os a se sararem enquanto é tempo (Hb.12:12,13).

- Satanás tem se levantado com muitos falsos profetas, o que, aliás, é um dos sinais da proximidade do arrebatamento da Igreja e, por isso, devemos tomar muito cuidado para não descalçarmos os nossos pés e comprometermos nossa peregrinação terrena.

- **O quarto componente da armadura de Deus é o escudo da fé.**... O escudo do soldado romano era feito de duas camadas de madeira, revestidas com linho e couro, e envolvidas com ferro, dessa forma o protegia no combate protegendo dos dardos e das espadas....” (SANTOS, Flávio. end.cit.).

- O escudo, como se verifica, tinha uma boa estrutura interna: duas camadas de madeira, revestidas com linho e couro, e, depois, envolvidas com ferro. A fé do salvo precisa ser firme, robusta, consistente. Tendo recebido a fé salvadora pela Palavra de Deus (Rm.10:17), o cristão deve desenvolver a sua fé, que existe em seu espírito, agora ligado com Deus, de forma a que tenha um crescimento intenso, como o grão de mostarda, que, sendo a menor das sementes, dá origem à maior das hortaliças (Mt.17:20: Lc.17:6).

- C. A Oração por Todos os Santos, 6.18-20

- Certos comentaristas consideram que a oração é a sétima peça da armadura do cristão, entretanto é mais razoável acreditar que Paulo finaliza a metáfora com a referência à “espada do Espírito” ao término do versículo 17. E verdade que ele ainda se preocupa com a vitória do cristão na luta. O participio orando está ligado com todas as ordens precedentes (10-17). Foulkes sugere que o apóstolo está dizendo: “Cada peça colocada com oração, e depois ainda continuai com toda oração e súplica”. O soldado cristão consegue se manter fiel, sendo bem-sucedido na resistência aos inimigos espirituais, somente quando permanece em espírito de oração, sempre pronto a pôr suas necessidades diante do Senhor. A palavra mais geral para referir-se a oração é *proseuche*, enquanto que *súplica* provém da palavra *deesis*, que transmite o significado de “solicitação” ou “petição”.

- 1. Orar sempre (6.18)

Em todo tempo é tradução da expressão em *panti kairos*, que pode ser traduzida por “em todas as ocasiões” (NVI), “o tempo todo” (BV), “sempre” (NTLH). *Kairos* às vezes tem a força de circunstância especial e, por conseguinte, neste contexto, significaria “na ocasião do conflito”. O mais provável é que se refira à oração habitual e constante. Em 1 Tessalonicenses 5.17, Paulo exorta os crentes: “Orai sem cessar”. Nosso Senhor declarou que as pessoas devem “orar sempre e nunca desanimar” (Lc 18.1, BAB, NTLH, NVI). A constância em oração é imperativa para a vitória.

- 2. Orar no Espírito (6.18)

- No Espírito não se refere ao espírito humano com sua capacidade de devoção e ardor, mas ao Espírito Santo, que é quem poderosamente inspira e intercede. Ele nos ajuda a formular as petições de acordo com a vontade de Deus (cf. Rm 8.26,27).

- 3. Orar com Toda Perseverança e Súplica por todos os Santos (6.18)

- Vigiar (agrypnountes) transmite a ideia militar de “manter-se alerta”. Os cristãos têm de ser vigilantes em oração, não se permitindo a indiferença. Esta é a única maneira de estarmos preparados. Perseverança está relacionada à súplica por todos os santos. Beare comenta: “A agilidade incansável do cristão deve ser mostrada especialmente na intercessão perseverante a favor de todos os seus companheiros de luta”. A unidade na

luta contra o mal é absolutamente necessária. A oração, portanto, tem de ser altruísta. Erdman observa: “O crente luta com mais valentia e coragem quando sabe que não está só”. E sobretudo quando ele percebe que os outros estão “firmes com ele em oração”.

- Na passagem de 6.10-18, temos “A Vida Cristã é uma Guerra Real” ou, talvez, “Tirar o Melhor da Vida significa Colocar o Melhor na Vida”. Paulo sugere alguns fatores-chave, aos quais devemos prestar toda a atenção: 1) Determinação e firmeza, 13; 2) Verdade, 14; 3) Conduta correta, 14; 4) Paz com Deus e com nossos semelhantes, 15; 5) Fé, 15; 6) Experiência pessoal de salvação, 16; 7) Uso da Bíblia, 16; 8) Oração, 18; 9) Testemunho pessoal e intercessão pelos outros, 18 (A. F. Harper).

19 e por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho;

- O apóstolo Paulo não estava nem desanimado, nem vencido. Mesmo na prisão escreveu palavras de encorajamento. Paulo não pediu que os efésios orassem para que ele fosse liberto da prisão, mas para que continuasse a falar destemidamente e com ousadia a respeito de Cristo, apesar de estar preso. Deus pode nos usar em qualquer circunstância para fazermos a sua vontade. Mesmo que oremos por uma mudança em nossas circunstâncias, também devemos orar pedindo que o Senhor realize o seu plano por nosso intermédio, exatamente onde estivermos. Conhecer o eterno propósito de Deus para nossas vidas nos ajudará em meio às circunstâncias mais difíceis.

- Tendo mencionado “...súplica por todos os santos”, ele se coloca entre eles. Devemos orar por todos os santos, especialmente pelos ministros fiéis de Deus. “Irmãos, rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada”. Observe o que ele gostaria que orassem a seu favor: “A fim de que Deus me dê a mensagem certa; para que eu seja liberto das minhas limitações atuais, e assim tenha a liberdade de propagar a fé em Cristo; para que tenha a habilidade de expressar-me de uma maneira adequada e conveniente; para que, quando eu falar, fale com coragem, isto é, para que apresente todo o conselho de Deus, sem qualquer medo, vergonha ou parcialidade”, “...fazer notório o mistério do evangelho”, alguns entendem que o apóstolo se refere à parte do evangelho que diz respeito ao chamado dos gentios, que tinha sido ocultado até então, como um mistério. Mas todo o evangelho era um mistério, até ser conhecido pela revelação divina; e é a obra dos ministros de Cristo publicá-lo. Observe: Paulo tinha um grande domínio da língua; eles o chamaram de Mercúrio, porque era o orador principal, e mesmo assim pediu para que seus amigos orassem a Deus para conceder-lhe o dom da oratória. Ele era um homem de grande coragem e muitas vezes se distinguiu como tal; no entanto, pediu para que orassem a fim de que Deus lhe desse ousadia. Ele sabe o que dizer como qualquer outro homem; no entanto, deseja que orem por ele, para que fale “...como me convém falar”. O argumento que usa para reforçar seu pedido é que por causa do evangelho ele é um “...embaixador em cadeias”.

- Se confiarmos em Deus, se a Ele entregarmos a nossa vida (Sl.37:3,5), certamente não daremos lugar ao diabo para operar em nossa vida. Quando temos fé em Deus, confiamos na Sua Palavra, a dúvida não encontrará espaço em nossas vidas e, portanto, saberemos afugentar os dardos inflamados do inimigo.

- É por isso que a Bíblia nos diz que a justiça de Deus se descobre de fé em fé e que o justo viverá da fé (Rm.1:17). A fé é o combustível do veículo do crente na estrada que nos conduz ao céu.

- Os dardos inflamados do inimigo são as dúvidas que Satanás e suas hostes lançam em nossa mente para que não mais creiamos na Palavra de Deus e, assim, titubeemos em obedecer-Lhe. Satanás lançou Eva no campo da dúvida quanto à ordem de não comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal e, a partir daí, levou-a ao pecado. O lançamento na dúvida é, aliás, o segundo momento do processo da tentação.

- Estes dardos ou setas são inflamados, ou seja, estão ardendo, são brilhantes e a palavra empregada permite até a conotação de ser “inflamado com ira”. Os ataques do maligno são impiedosos, fortes e que sempre chamam a atenção, mas não podemos nos impressionar por esta “pirotecnia”, pois sabemos que a Palavra de Deus é a Verdade, que Deus é a verdade (Jr.10:10) e, portanto, nada pode abalar a nossa confiança.

- Nos dias hodiernos, não são poucos os ataques que o adversário tem feito contra as Escrituras Sagradas, contra as promessas de Deus, querendo, com isto, demover a fé dos que creem em Cristo Jesus. No entanto, não podemos titubear, devemos usar o escudo da fé e crer ainda que nossa mente ache que seja absurdo. Deus é fiel, não pode negar-Se a Si mesmo (II Tm.2:13).

- **O quinto componente da armadura de Deus é o capacete da salvação** (Ef.6:17), que o profeta Isaías chama de "elmo da salvação" (Is.59:17). "...O capacete era "a parte mais ornamental da armadura primitiva". O capacete protegia a cabeça do soldado. ...” (SANTOS, Flávio. end. cit.).

- A nossa mente deve estar envolvida com a ideia da salvação. Devemos tudo fazer levando em conta qual o benefício disto para que alcancemos a redenção, a glorificação do nosso corpo. Em nossa mente, nunca devemos perder de vista que temos um objetivo, um alvo (Fp.3:11-14), que é o de perseverar até o fim para que completemos o processo de salvação de nossas almas (Mt.24:13). Sobre a mente, falamos longamente em lição anterior.

- **O sexto componente da armadura de Deus é a espada do Espírito**, que o próprio texto diz ser a Palavra de Deus (Ef.6:17). "...À época dos soldados romanos, havia diversos tipos de espadas, com tamanhos e pesos diferentes. Provavelmente a espada que Paulo tem em mente é a espada curta e reta que os soldados romanos usavam, pois, esta, era de fácil manuseio. Tanto defensiva como ofensiva. ...” (SANTOS, Flávio. end. cit.).

- Trata-se da única arma de ataque que compõe esta armadura de Deus. Nossa atitude, na batalha espiritual, é nitidamente defensiva, porquanto somos inferiores a Satanás e seus anjos e, mais do que isto, tal batalha se instaurou por causa do desejo homicida do diabo, que quer matar, roubar e destruir o salvo. Sendo assim, não há interesse algum por parte dos salvos de obter alguma vantagem ou conquista em relação ao diabo, porque já fomos convencidos pelo Espírito Santo do juízo, ou seja, de que o príncipe deste mundo já está julgado (Jo.16:8,11).

- No entanto, para que não fiquemos acuados, o Senhor providenciou uma arma de ataque, que é a espada do Espírito. Assim como Nosso Senhor e Salvador, “podemos pôr o inimigo para correr”, quando manejamos bem a Palavra da verdade (II Tm.2:15). A Palavra de Deus é a arma ofensiva nos embates contra o diabo e seus anjos. Foi com a Palavra que Jesus afugentou o adversário.

- Quando cumprimos e anunciamos a Palavra de Deus, o diabo e seus anjos são atingidos e se põem em retirada, ainda que por algum tempo. Foi deste modo que Jesus venceu o inimigo e será assim que nós também o venceremos.

- Esta armadura de Deus, entretanto, para que possa funcionar deverá ser acompanhada de vigilância e oração (Ef.6:18). Assim como o soldado tem de estar em boa forma física para que possa, com sucesso, desempenhar suas funções, principalmente os armamentos que estão à sua disposição, o cristão, para vencer a tentação contra o diabo e seus anjos, há de estar em boa forma espiritual e a boa forma espiritual vem pela oração contínua e incessante, como também pela vigilância, mas isto será tema de outras lições.

- Assim como os soldados romanos, devidamente armados, eram imbatíveis diante de seus inimigos, os salvos na pessoa de Nosso Senhor e Salvador também serão vitoriosos, se tomarem a armadura de Deus, nos embates que sempre terão contra as hostes espirituais da maldade.

- Entretanto, faz-se mister destacar que os exércitos romanos não venciam apenas porque tinham uma armadura mais poderosa do que a de seus adversários, mas, também, porque havia disciplina e hierarquia nas tropas, todos obedecendo ao comandante e atendendo aos seus comandos.

- 4. Orar “por Mim” (6.19,20)

- A posição de Paulo na prisão — embaixador em cadeias — não o move a pedir orações especiais por seu bem-estar pessoal e tranquilidade, mas sim pelo fomento do evangelho. O pedido é duplo. Primeiro, ele deseja sabedoria para que “me seja dada, no abrir da minha boca”(19a). O apóstolo está ciente de ter sobre si a grande responsabilidade de pregar o evangelho. Com isso, ele quer estar seguro de que, quando as oportunidades se apresentarem, ele venha a falar a palavra certa. Ele quer ter a certeza de que a palavra que disser sempre seja a palavra de Deus. Segundo, ele deseja ousadia para fazer notório o mistério do evangelho. Ele quer poder para anunciar a verdade que Deus, em Cristo Jesus, fornece salvação para todos os homens, quer judeus quer gregos. Ele deseja audácia para pregar esta mensagem sem vacilar diante dos homens e sem abrir mão dos princípios do evangelho. Ele precisa pregar o evangelho completo para o mundo inteiro.

20 pelo qual sou embaixador em cadeias; para que possa falar dele livremente, como me convém falar.

- Ele está sendo perseguido e foi preso pelo fato de pregar o evangelho; apesar disso, continuou na missão diplomática confiada a ele por Cristo, e persistiu em pregar o evangelho. Observe: Não é novidade para os ministros de Cristo estarem em cadeias. É

difícil para eles falarem corajosamente quando esse é o caso. 3. Os melhores e mais notáveis ministros têm necessidade das orações dos verdadeiros cristãos e serão beneficiados por elas; e, portanto, deveriam sinceramente desejá-las.

- O adversário, já o vimos, tem um exercício organizado à sua disposição, visto que as forças espirituais da maldade são organizadas hierarquicamente. De igual modo, os salvos precisam estar ordenados, segundo a direção e orientação do seu Senhor, para que também venham a ser vitoriosos. A cabeça da Igreja é Cristo (Ef.1:22; 5:23) e Suas ordens e comandos são-nos transmitidos pelo Espírito Santo (Jo.14:16; 16:13,14).

- Por isso, na batalha espiritual, temos de ser guiados e dirigidos pelo Espírito Santo, sob pena de, se atendermos a mandamentos e preceitos de homens (Is.29:13; Mc.7:7; Tt.1:13,14), sermos derrotados, apesar de estarmos armados, porquanto não teremos a devida organização para obtermos a vitória.

- Logicamente que não estamos a defender qualquer desrespeito a uma organização hierárquica existente na igreja local, que deve, sim, ser observada, até porque os ministros são escolhidos pelo próprio Cristo (Ef.4:11). Todavia, é indispensável que o Espírito Santo esteja a todos dirigir.

- Com a armadura de Deus, vindo o dia mau, o dia da adversidade, que é inevitável neste mundo (Ef.6:13; Sl.27:5; Ec.7:14), continuaremos firmes na presença do Senhor, devidamente fortalecidos para prosseguirmos nossa jornada rumo ao céu.

- Após falar da realidade da batalha espiritual, **o apóstolo inicia a conclusão da epístola, pedindo oração por ele para que, no abrir da sua boca, lhe fosse dada a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho (Ef.6:19).**

- Este pedido do apóstolo, por primeiro, mostra **que ele vivia o que ensinava e pregava**. Ao mesmo tempo em que dizia que a batalha espiritual exige vigilância e oração, mostrava a confiança que tinha na oração dos santos, a ponto de pedir oração aos destinatários da sua carta.

- Por segundo, **revelava o apóstolo a sua humildade**. O fato de ser apóstolo não o impedia de pedir oração aos demais salvos, mostrando que não se sentia superior aos demais crentes e, muito menos, que existisse “uma cobertura apostólica” dele em relação aos demais. Muito pelo contrário, o que havia era a intercessão de uns pelos outros, pois todos fazem parte de um mesmo corpo.

- Por terceiro, **o apóstolo demonstrava claramente que a igreja é um corpo**, que não podemos servir a Deus isoladamente. Paulo dependia da oração dos irmãos para continuar o seu ministério.

- Por quarto, **o apóstolo revela que sua preocupação era com a continuidade do seu ministério**, a evangelização, mesmo estando preso em Roma. Paulo não pede, como seria absolutamente natural, que os irmãos orassem pela sua soltura, pela sua absolvição. O apóstolo corria risco de vida, poderia ser condenado à morte, mas, em vez de pedir isto,

em absoluta coerência com a prioridade que havia mostrado haver com relação às bênçãos espirituais, queria apenas que intercedessem por ele para que ele fosse exitoso na evangelização que fazia na prisão em Roma.

- Depois deste pedido de oração, o apóstolo diz aos destinatários da carta que estava enviando Tíquico, que chama de irmão amada e fiel ministro do Senhor, como emissário não só da epístola, como também de notícias a respeito do trabalho que fazia Paulo (Ef.6:21).

- Temos aqui mais uma lição do apóstolo. **Ele, como missionário que era, fazia questão de prestar contas à igreja do que estava fazendo.** Era alguém que tinha consciência de que devia obrigações aos irmãos que o sustentavam, tanto material como espiritualmente. Para Paulo, não era possível haver “caixa-preta” na obra de Deus, tudo deveria ser claro e transparente, afinal de contas somos filhos da luz, andamos na luz e o que é honesto e correto não tem porque se esconder da luz (Jo.3:19,20).

- Paulo sabia do amor que os irmãos tinham em relação a ele e estas informações, além de prestação de contas, serviram para que os irmãos se consolassem, tivessem pleno conhecimento de como o Senhor estava no controle de todas as coisas e de que a prisão de Paulo contribuía para o bem do crescimento da Igreja.

- Paulo, então, termina a carta mais uma vez desejando que a paz e amor, com fé, e a graça fosse com todos os que amavam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade (Ef.6:23,24).

- Nesta saudação final, o apóstolo mostra que o amor é proeminente na vida de cada salvo, dizendo que deveria haver “amor com fé” em cada um deles e que a graça estaria sobre os que “amamos a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade”, ou seja, vivem o amor na verdade. Temos este “amor com fé”? “Amamos com sinceridade ao nosso Senhor Jesus Cristo? Pensemos nisto!

- O versículo 20 repete o segundo pedido, mas apresenta a designação incomum do apóstolo como um embaixador em cadeias. Literalmente, esta frase diz: “embaixador em cadeia” (presbeuo en halusei). A palavra refere-se provavelmente a uma cadeia de pulso (algema) pela qual ele estava acorrentado a um soldado. Por mais estranho que pareça, o principal embaixador do Rei está preso. Mas ele está mesmo preso? Falando sobre o fato de Paulo estar acorrentado a um soldado, Bruce levanta a questão: Qual dos dois estava preso? Os fatos do caso são que Paulo quer tanto pregar o evangelho em Roma, que ele percebe que pode cumprir seus deveres diplomáticos, mesmo estando algemado. Ele não procura simpatia ou solidariedade dos crentes efésios; ele quer oração para que possa falar livremente o que sabe que convém falar quando surgir a oportunidade.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo.** 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CABRAL, Elienai. **A Raça Humana – Origem, Queda e Redenção**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.
- CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: A Raça Humana – Origem, Queda e Redenção**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – A batalha espiritual e as armas do crente**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A batalha espiritual e as armas do crente**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A batalha espiritual e as armas do crente**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A batalha espiritual e as armas do crente**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A batalha espiritual e as armas do crente**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

